

VOLUME 3

JUSTOS ENTRE AS NAÇÕES

SHOÁ NO BETAR

חסידי אמות העולם

BETAR BRASIL 2022



BETAR BRASIL  
בית"ר ברזיל

VOLUME 3

# JUSTOS ENTRE AS NAÇÕES

---

## SHOÁ NO BETAR

חסידי אמות העולם



# **BETAR BRASIL**

**Pesquisa, tradução e elaboração:**

Alan Sauberman, Beatriz Blank, Daniele Faingluz, Daniel Osowicki, Diogo Lins Benchimol, Igor Lins Benchimol, Marcelo Menasce Topfer e Vitória Oliveira.

**Design e diagramação:** Guilherme Jaffé.

**Revisão:** Beatriz Blank e Juliana Katz.



**BETAR BRASIL**

**בית"ר ברזיל**



Desde 1963, o Yad Vashem concedeu a 27.921 indivíduos o título de "Justos Entre as Nações" - "חסידים אמת העולם", partindo da premissa talmúdica de que "quem salva uma vida salva um mundo inteiro" ("כל המקיים נפש אחת כאילו" ("קיים עולם מלא"). O Betar partilha desse entendimento à sua própria maneira, a partir do conceito de que "todo indivíduo é um rei" ("כל יחיד הוא מלך") e, assim sendo, é de seu direito, independentemente de quaisquer características inatas ou forças exteriores, viver e se desenvolver de forma digna, livre e plena.

Nesse sentido, como jovens judeus conscientes do poder dessas histórias, de seu potencial para moldar a consciência coletiva e de nossa responsabilidade de passá-las adiante (como a última geração que as ouvirá em primeira mão), decidimos, no contexto do Dia Internacional da Lembrança do Holocausto, comemorado em 27 de janeiro, lançar esta *choveret*.

Dedicamos então este material a todos aqueles que não mediram esforços para salvar uma vida judaica e, dessa forma, o mundo inteiro.

*Tel Chai!*

*Vaadat Chinuch 2022*

66

*"Eu tive que ajudá-los, não havia escolha."*

*Oskar Schindler*



# SUMÁRIO

Quem são os Justos Entre as Nações?	6
Quem dá o título de Justo entre as Nações?	6
Quais são as condições básicas para ser reconhecido como Justo entre as Nações?	7
Tabela de Justos por país	8
Tikun HaOlamot: Os Mundos Salvos Pelos Justos	9
Brasileiros entre os Justos	10
Um Justo entre os Betarím	12
Compilado de histórias: Justos Entre as Nações pelo mundo	17
Outras histórias	22
Ações conjuntas: países em destaque	23
Fontes e sugestões bibliográficas	34

## Quem são os Justos Entre as Nações?

Em um mundo de derrocada moral generalizada, houve uma pequena minoria que soube demonstrar uma coragem extraordinária para manter os valores da humanidade de pé: os “Justos entre as Nações”, ao remar contra a onda comum de indiferença e hostilidade que prevaleceu durante a Shoá. Ao contrário da tendência coletiva, esses indivíduos viam os judeus como seres humanos iguais a eles, incluídos dentro dos limites de seu universo de responsabilidades. Sob esse prisma, estavam dispostos a arriscar tudo o que tinham, até mesmo suas próprias vidas e as de seus familiares, para salvar os judeus do extermínio nazista.

A maioria deles começou como observadores passivos, permanecendo indiferentes nos estágios iniciais da perseguição, quando os direitos dos judeus foram restringidos e suas propriedades confiscadas. Em muitos casos, a mudança somente ocorreu quando eles foram confrontados com a deportação ou o extermínio massivos, isto é, no momento em que a situação cruzou uma barreira que não estavam dispostos a atravessar.

Não apenas os Justos mostraram disposição e coragem, mas também os judeus lutaram por sua sobrevivência. Wolfgang Benz, que realizou uma extensa pesquisa sobre o resgate de judeus durante a Shoá, argumenta que, quando ouvimos histórias de salvação, as pessoas resgatadas podem ser vistas como meros objetos de cuidado e caridade. No entanto, “a tentativa de sobreviver na clandestinidade foi, antes de tudo, um ato de autoafirmação e de resistência judaica contra o regime nazista. Apenas alguns foram bem sucedidos em tal resistência”.

Grande parte dos Justos eram pessoas comuns. Alguns agiram por convicção política, ideológica ou religiosa; outros não eram idealistas, mas meros seres humanos que se preocupavam com as pessoas ao seu redor, que nunca planejaram se tornar salvadores e que estavam totalmente despreparados para o momento em que teriam que tomar uma decisão tão dura. E talvez seja precisamente sua “simples” humanidade que deve nos servir de modelo e inspiração. Até agora, o Yad Vashem reconheceu Justos de 51 nacionalidades, totalizando milhares de histórias de resgate autenticadas. Há, entre eles, cristãos de todas as denominações, muçulmanos, agnósticos, homens e mulheres de todas as idades. De todas as esferas da vida: camponeses, figuras públicas, agricultores dos cantos mais remotos, professores, médicos, clérigos, diplomatas, servos, membros da resistência, policiais e muitos mais.

## Quem dá o título de Justo entre as Nações?

O Yad Vashem é o memorial oficial criado pelo Estado de Israel para lembrar e honrar os judeus que passaram pela Shoá. Foi estabelecido em 1953 através da *Chok* (Lei) do Yad Vashem, aprovada pela *Knesset*, no sopé do *Har Herzl*, também chamado de *Har HaZikaron* (Monte da Memória), na capital de Israel, Jerusalém. A origem do nome advém de um versículo bíblico: "E a eles darei a minha casa e dentro dos meus muros um memorial e um nome (*yad vashem*) que não será arrancado" - "וְנָתַתִּי לָהֶם בְּרִיתִי" - "יְבַחְמוּתִי יְדִ וְשֵׁם, טוֹב מִבְּנִים וּמִבְּנוֹת; שֵׁם עוֹלָם אֶתֶן לוֹ, אֲשֶׁר לֹא יִכָּרֵת" (*Yeshayahu 56:6*).

Além do Museu de História da Shoá, do Memorial das Crianças e do maior acervo do mundo de documentos sobre esse período, entre outras instalações, o complexo do Yad Vashem é casa para o Jardim dos Justos entre as Nações, projetado pelos arquitetos paisagistas Lipa Yahalom e Dan Zur após a decisão de construir um memorial onde os nomes de cada um dos 27921 Justos seriam perpetuados.

A mesma lei que estabeleceu o museu como a instituição oficial de estudo e memória da Shoá também enalteceu a importância de relembrar e honrar os não judeus que dedicaram as suas vidas para salvar nosso povo. Nesse sentido, desde 1963, uma comissão liderada por um ministro da Suprema Corte de Israel foi encarregada do dever de conceder o título honorário a quem for de direito.

Uma vez que um caso é estabelecido para declarar uma pessoa (ainda viva ou já falecida) como “Justa entre as Nações”, uma comissão de investigadores dedica-se a estudar as evidências do caso a fim de determinar, após uma análise minuciosa, se foi atingido o objetivo de salvar um judeu, a partir de uma série de requisitos.

## Quais são as condições básicas para ser reconhecido como Justo entre as Nações?

As condições básicas para a outorga do título são:

- O envolvimento na salvação de um ou vários judeus das ameaças de morte ou deportação aos campos de morte;
- O enfrentamento de uma posição de risco, seja de sua vida, de sua liberdade ou de sua posição;
- A motivação inicial de sua ação deve ser a pura intenção de ajudar os judeus perseguidos, nunca em troca de dinheiro ou quaisquer outras recompensas;
- A existência de testemunhos daqueles que foram ajudados ou, ao menos, alguma documentação legal que prove a natureza do resgate e de suas circunstâncias.

A todo aquele que recebe o título são entregues uma medalha em seu nome, um certificado de honra e o privilégio de ter o nome acrescentado aos do Muro de Honra do Jardim dos Justos. Os prêmios são distribuídos aos próprios homenageados ou a seus parentes mais próximos durante cerimônias em Israel ou em seus países de residência. A Lei do Yad Vashem autoriza também o Memorial "a conferir cidadania honorária aos Justos entre as Nações e, se tiverem morrido, a cidadania comemorativa do Estado de Israel, em reconhecimento de suas ações".

Os beneficiários podem optar por viver em Israel e, ao fazer isso, passam a ter direito a uma pensão igual ao salário médio nacional e assistência médica gratuita, bem como assistência com moradia e saúde. Pelo menos 130 Justos se estabeleceram em Israel. Seus filhos e netos têm direito a um visto de residência temporária em Israel, mas não à cidadania.






























Árvore memorial em Jerusalém, Israel, em homenagem a Irena Sendler, uma enfermeira polonesa católica romana que salvou 2.500 judeus.





## Tabela de justos por país

	ALBÂNIA	75		HOLANDA	5910
	ALEMANHA	641		HUNGRIA	876
	ARMÊNIA	24		INDONÉSIA	3
	ÁUSTRIA	113		IRLANDA	1
	BIELORÚSSIA	676		ITÁLIA	744
	BÉLGICA	1774		JAPÃO	1
	BÓSNIA	49		LETÔNIA	138
	BRASIL	2		LITUÂNIA	918
	BULGÁRIA	20		LUXEMBURGO	1
	CHILE	2		MACEDÔNIA	10
	CHINA	2		MOLDÁVIA	79
	CROÁCIA	122		MONTENEGRO	1
	CUBA	1		NORUEGA	67
	REP. TCHECA	119		PERU	2
	DINAMARCA	22		POLÔNIA	7177
	EQUADOR	1		PORTUGAL	2
	EGITO	1		REINO UNIDO	22
	EL SALVADOR	1		ROMÊNIA	69
	ESLOVÁQUIA	621		RÚSSIA	215
	ESLOVÊNIA	15		SÉRVIA	139
	ESPANHA	9		SUÉCIA	10
	ESTADOS UNIDOS	5		SUIÇA	49
	ESTÔNIA	3		TURQUIA	1
	FRANÇA	4150		UCRÂNIA	2673
	GEÓRGIA	1		VIETNÃ	1
	GRÉCIA	362		<b>TOTAL: 27.921</b>	

## Tikun HaOlamot: Os Mundos Salvos Pelos Justos

O Talmud nos ensina que, se uma pessoa destrói uma vida, é como se tivesse destruído um mundo inteiro e, se uma pessoa salva uma vida, é como se tivesse salvado um mundo inteiro. Pessoalmente, analiso a máxima de duas formas. Em primeiro plano, uma pessoa carrega dentro de si um mundo completo e, conseqüentemente, destruir ou salvar uma vida é destruir ou salvar um infinito universo individual - carreira, família, objetivos, sonhos, aspirações, ambições e tão mais. Tudo isso multiplicado por milhares de vezes, milhares de vidas.

Sob outro prisma, os Justos Entre as Nações salvaram o nosso mundo inteiro ao não se calarem e ao, de fato, atuarem contra o regime nazista, entendendo que seres humanos como eu, você e eles tinham igual direito à vida. No entanto, para além das pessoas que eles salvaram e protegeram, eles entenderam, conforme disse uma vez o escritor e sobrevivente judeu Elie Wiesel, que “pode haver momentos em que somos impotentes para evitar a injustiça, mas nunca deve haver um momento em que devemos deixar de protestar”. Isso porque, em um contexto em que a esperança era gradualmente sufocada pela imposição do ódio e a moral mundial parecia estar extinta, eles representaram a luz no fim do túnel, o mais genuíno sinal de salvação.

Foram faróis em meio a uma das piores trevas que a humanidade já conheceu. Foram poços de fé no período mais desabastecido de esperança da nossa História recente. Foram, assim, quem ensinou ao pouco que restava de pé no mundo desolado após o final da *Shoá* que havia um futuro pelo qual lutar e sementes ainda capazes de florescer.

Nesse sentido, as dezenas de histórias contadas nesta *choveret*, como metonímia de uma realidade infinitamente mais complexa, despertam nossa consciência e nossa imaginação moral. Fazem-nos questionar se teríamos dentro de nós o amor e a disposição para cuidar de uma menina de cinco anos como nossa própria filha, mesmo sabendo que poderíamos ser fuzilados se a encontrassem; se cogitaríamos perder uma posição profissional pela qual tanto batalhamos (uma que era o meio pelo qual sustentávamos a nossa própria família) para forjar documentos ou contrabandear suprimentos para dentro dos limites do gueto; ou, ainda, se seríamos capaz de manifestar oposição às novas legislações discriminatórias mesmo sabendo que isso colocaria a vida daqueles que mais amamos em risco.

Por fim, essas histórias são um chamado de responsabilidade: para contá-las e para honrar a memória de todos aqueles que não aceitaram que a nossa nos fosse retirada. Trata-se, assim, de uma responsabilidade ao mesmo tempo coletiva e individual. A do primeiro tipo porque pertence à nossa geração mais do que a qualquer outra, porque somos os últimos que escutaremos essas pessoas em primeira mão e, se não as levarmos adiante, ninguém levará. E a do segundo porque como judeus, como descendentes de Avraham, Moshé e Jabotinsky, os quais guiaram corretamente uma nação antes mesmo que houvesse uma, temos a responsabilidade individual (e moral) de agir quando todos se mantêm imóveis, de falar quando todos permanecem em silêncio e de recordar quando todos insistem em esquecer. História por história, recordemo-nos, pois, dos Justos, da luz capaz de iluminar a mais densa das escuridões e de tudo aquilo que eles colocaram em segundo plano - até mesmo sua vida - para que estivéssemos aqui.



## Brasileiros entre os Justos

### Aracy de Carvalho Guimarães Rosa

Aracy Moebius de Carvalho, nascida em 5 de dezembro de 1908, em Rio Negro, Paraná, filha de mãe alemã e pai brasileiro, viveu até os 102 anos. Por falar quatro idiomas (português, inglês, francês e alemão), Aracy conseguiu uma nomeação para trabalhar como secretária no consulado brasileiro em Hamburgo, onde era a encarregada da emissão de vistos e passaportes. Em meio ao seu serviço, ela conheceu o cônsul adjunto João Guimarães Rosa, com quem se casou, adotando o nome Aracy de Carvalho Guimarães Rosa.

Devido ao seu cargo, a secretária tinha contato direto com as pessoas que vinham lhe solicitar vistos ao Brasil. Com a escalada de antissemitismo na Europa, principalmente na Alemanha, agravada pela ascensão do partido Nacional Socialista, muitos judeus passaram a ver a emissão de vistos no consulado como meio de fuga.



O Brasil, governado por Getúlio Vargas, via a ida dos judeus para o país, até então, como uma chance de conseguir mão de obra para trabalhar no campo. Contudo, como os judeus alemães não praticavam tal função na Alemanha, ao se mudarem, passavam a residir e se desenvolver nas cidades brasileiras. Sendo assim, em 1938, entrou em vigor a Circular Secreta 1.127, a qual proibia a emissão de vistos de permanência para judeus no Brasil.

Aracy sempre foi empática com o sofrimento judaico e queria salvar as vidas em perigo. Para isso, ela teve que ignorar as normas do governo brasileiro e adulterar documentos. A secretária coletava a assinatura do cônsul ao misturar passaportes judaicos ao resto da papelada - neles, não marcava o J (indicando que pertenciam a judeus) e solicitava a aprovação do respectivo visto como se fossem para turistas quaisquer. Após assinados, mudava seus *status* para os de vistos permanentes. Aracy chegou até a abrigar judeus em sua casa e falsificar documentos nazistas a fim de salvá-los.

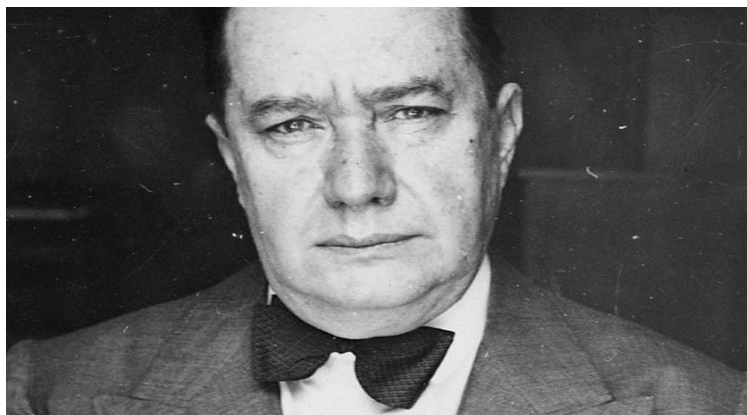
Quando os judeus adquiriam esses vistos, eles deveriam sair da Alemanha o mais rápido possível em navios que os levavam para o Brasil. Entretanto, no porto, os nazistas os faziam passar por uma alfândega, em que os taxavam em 96% de todos seus bens e do dinheiro que levavam consigo. Aracy, então, recolhia a maior parte de seus pertences, entrava no porto com seu carro e sua mala, considerados "diplomáticos", ou seja, imunes à inspeção, e depois lhes devolvia tudo quando já estavam embarcados. Suas operações sempre envolveram muitos riscos.

João, seu marido, auxiliava Aracy em suas missões, e os dois retornaram ao Brasil em meados de 1942, após o governo cortar relações diplomáticas com o regime nazista. A volta para o Brasil foi conturbada, dado que os alemães os mantiveram presos por quatro meses, até que os diplomatas nazistas em missão no Brasil retornassem à Alemanha.

A corajosa e altruísta determinação de Aracy de ajudar os injustiçados lhe concedeu a alcunha de "Anjo de Hamburgo" e, posteriormente, em 8 de julho de 1982, a nomeação de Justa entre as Nações, pelo Yad Vashem.

## Luiz Martins da Souza Dantas

Luiz Martins de Souza Dantas nasceu no Rio de Janeiro, em 17 de fevereiro de 1876. Aos 21 anos, após se formar em Direito, conseguiu uma vaga para trabalhar no Ministério das Relações Exteriores, no qual, por um curto período, chegou a assumir o cargo de ministro interino, assim respondendo pelo Itamaraty por alguns meses.



Ao longo de sua carreira no ministério, Souza Dantas teve diversos cargos até assumir o de embaixador em Paris, em 1922. Durante seu mandato na França, iniciou a Segunda Guerra Mundial e, com isso, em 1940, o território francês, encontrava-se sob ameaça iminente de invasão por parte do exército alemão. Por esse motivo, o governo decidiu transferir todo seu corpo - incluindo os diplomatas estrangeiros - para Vichy, isolando-se do centro do país e das forças nazistas.

Luiz, então, frente à crescente perseguição da *Shoá*, decidiu que precisava ajudar de alguma forma as vítimas e, para isso, começou a emitir passaportes por conta própria, indo contra a legislação brasileira, a qual havia proibido a imigração de judeus desde 1937. O embaixador somente em raríssimos casos emite passaportes, uma vez que as embaixadas possuem setores responsáveis por essa função. Além disso, a regulamentação do ministério do Brasil havia sido redigida com o fito de não permitir a entrada de fugitivos no Brasil, dado que solicitava uma série de requisitos, como depósitos financeiros, pagamento de taxas, declarações e atestados médicos. No entanto, Souza Dantas ignorou todos esses fatos e emitiu cerca de quinhentos vistos diplomáticos, até ser repreendido e proibido de seguir com suas práticas, ordem a qual ainda burlou em vezes seguintes.

Muitos jornais brasileiros publicaram matérias exaltando as ações de Souza Dantas. Contudo, Getúlio Vargas se incomodou com a reação positiva da mídia às atitudes do diploma e prontamente pediu o fim da circulação das manchetes. Ainda, depois desse evento, houve uma tentativa de abertura de um inquérito contra o embaixador aposentado, porém, por sua idade avançada, não foi possível dar sequência ao processo.

Como forma de reconhecimento aos atos de bravura e coragem de Luiz Martins de Souza Dantas, o Yad Vashem o condecorou como Justo entre as Nações no dia 2 de junho de 2003. Infelizmente, o ex-embaixador não pôde receber o reconhecimento de suas ações em vida, pois falecera em 16 de abril de 1954.



## Um justo entre os Betarím

No ano de 1893, no sul da atual Áustria, nascia um verdadeiro herói: Dr. Leo Tschöll. Originário da cidade de Graz, sua verdadeira história de heroísmo começa de fato quando a Alemanha nazista passa a anexar partes da Áustria em 1938. Tschöll, por conseguinte, se muda para a então Iugoslávia e, posteriormente, vai para a Hungria, assentando-se na cidade de Budapeste.

Lá, Tschöll começou seu trabalho como notário (pessoa que oficializa documentos) e abriu um escritório de patentes na cidade. Por mais que tentasse fugir da guerra, isso parecia cada vez mais difícil, principalmente após a ocupação da cidade de Košice, no sudeste da Eslováquia (à época pertencente à Hungria) pelas forças alemãs.

Em meio a tanto caos, dois rapazes de 19 anos escaparam do gueto da cidade invadida: Robert Offner e Shabtai Nemet. Acontece que ambos, além de judeus, pertenciam a um movimento juvenil judaico-sionista clandestino, o que aumentava a chance de que fossem imediatamente executados se encontrados. Nesse caso, o movimento dos dois era o Betar e, como a família de Offner era amiga de Tschöll, os dois fugitivos *betarím* vieram pedir sua ajuda.

Tschöll sabia que eles eram judeus e *betarím* e, mesmo assim, concordou em ajudá-los, escondendo-os em sua casa, enquanto o Betar ainda não havia encontrado um local para eles. Uma vez realocados, voltaram a contatar o jovem austríaco para que o Betar pudesse usar seu escritório de patentes para confeccionar documentos falsos.

Ciente de todos os riscos, Tschöll aceitou o pedido, tomando a responsabilidade de abrigar o maquinário inteiro para a manipulação dos documentos em seu escritório. Assim, começando em junho de 1944, centenas de documentos foram produzidos e entregues a judeus de toda a cidade de Budapeste para que pudessem se passar por cidadãos arianos. Infelizmente, em meio a esse processo, Offner foi descoberto, capturado e torturado pelos húngaros. No entanto, jamais delatou Tschöll e conseguiu até mesmo fugir do local em que estava sendo mantido. Posteriormente, voltou às atividades clandestinas.

Além disso, a esse ponto da guerra, os judeus estavam sendo confinados em guetos e, portanto, eram forçados a viver com muitas pessoas em espaços que não suportavam tamanha quantidade. Sob esse prisma, o apartamento de Tschöll na cidade virou um abrigo temporário para inúmeros judeus que conseguiram, de algum modo, fugir da mudança para os guetos e que estavam em busca de outro lugar para se esconder. Membros do Betar, incluindo Robert Offner, se abrigaram em sua casa durante esse período.

Tschöll dava comida e até suas próprias roupas para os judeus que passavam por sua casa. Como o apartamento era pequeno, as pessoas dormiam em todos os lugares, desde o sofá até a mesa. Relatou-se, inclusive, que o próprio Tschöll, por vezes, dormia em uma das mesas a fim de ceder sua própria cama a mulheres e crianças judias.

Enquanto isso, o Betar, à procura de mais espaços para abrigar os judeus, encontrou uma casa abandonada que, ao que tudo indicava, havia pertencido a uma família judia. Tschöll, de maneira discreta, questionou as autoridades locais a respeito da possibilidade de se apossar da casa, usando a

desculpa de que precisava de um lugar para acolher seus trabalhadores que vieram do leste, fugindo do avanço soviético. Assim que Leo tomou posse da casa, com autorização das autoridades locais, o porão foi remodelado, servindo de abrigo para trinta judeus de Budapeste, além de depósito para as armas de fogo que possuíam.

Ao final de 1944, quando os judeus da Hungria estavam sendo massivamente deportados sob ordens diretas de Adolf Eichmann, outro herói surge: Raoul Wallenberg, o qual foi um representante da embaixada sueca em Budapeste e o principal responsável pela criação do *Schutzpass*, passaporte de proteção que garantia que o seu detentor fosse impossibilitado de ser mandado para campos de extermínio.

O fato é que o Betar conseguiu alguns desses documentos e os deu para Tschöll, para que ele pudesse distribuir entre as pessoas que acolheu. Desse modo, ainda mais judeus foram salvos pela parceria dele com a *tnuá* clandestina. Dessa maneira, Leo conseguiu até mesmo salvar judeus que já estavam a caminho dos campos.

No dia 7 de dezembro de 1944, a polícia local descobriu as atividades ilegais praticadas por Tschöll. Alertado por seus amigos a respeito da situação, voltou para seu apartamento apenas para avisar sobre a situação a uma mulher judia lá que estava abrigada com o filho e seguiu com a clandestinidade até o final da guerra.

Leo arriscou sua vida de inúmeras maneiras possíveis: ajudou o Betar a forjar documentos, abrigou judeus em sua casa e mentiu para as autoridades húngaras. Tais crimes, caso descobertos, certamente resultariam em sua execução imediata. Durante a guerra, ele não recebeu nenhum bem material que compensasse suas ações e, ainda, por vezes, gastou de seu próprio dinheiro.

Ao final da guerra, continuou vivendo em Budapeste, até 1956, quando retornou à Viena. Robert Offner e Shabtai Nemet, os dois *betarím* que permaneceram com Tschöll durante a guerra sobreviveram, e, assim que possível, realizaram a *hagshamá* máxima de um *betarí*: a *aliá*.

Por fim, em 13 de fevereiro de 1968, o Yad Vashem reconheceu o Dr. Leo Tschöll como um Justo Entre as Nações. As honrarias cerimoniais foram realizadas em abril de 1971, durante as quais uma árvore foi plantada em seu nome e seu legado eternizado no Muro da Honra.

Tschöll não só salvou judeus, como também trabalhou em conjunto com o Betar em diversas formas de resistência. Dessa maneira, além de um Justo Entre as Nações, tornou-se também um Justo Entre os *Betarím*: ajudando a *tnuá* a atuar na clandestinidade e colocando sua própria vida em risco pela defesa do mais básico valor humanitário. Ele é um exemplo a ser seguido e um verdadeiro herói. Sendo assim, cabe a nós, *betarím* da atualidade, honrar e dar continuidade a sua memória.



Leo Tschöll



Cerimônia do plantio da árvore em honra de Leo Tschöll, em 19 de abril de 1971.

Na foto, **Robert Offner**, *betarí* que ingressou na *tnuá* aos 13 anos de idade e sobreviveu graças ao Dr. Leo Tschöll. Capturado e torturado duas vezes pelos húngaros, Offner participou da falsificação de inúmeros documentos e do estabelecimento de bunkers nos entornos de Budapeste, infiltrando-se, inclusive, no exército fascista a fim de obter documentos com selos oficiais. Durante a guerra, passou pelo gueto de Košice (do qual fugiu inicialmente), pelo campo de concentração de Kitarcsa (para onde foi deportado na primeira vez em que foi descoberto e de onde conseguiu fugir), pela prisão militar de Margit Boulevard (após sua segunda captura) e, por fim, por uma prisão em Sopronkőhida (da qual foi libertado após a chegada do exército vermelho na Hungria). Com o término da guerra, foi mandado para Szombathely, cidade húngara, onde sua função era desarmar bombas.

De lá, fugiu para a Iugoslávia e, em 1948, serviu no exército da Tchecoslováquia, iniciando seus estudos em Praga. Fez aliá em 1949, alistando-se no exército de Israel como engenheiro. Serviu entre 1951 e 1961 e chegou a ocupar a patente de major. Trabalhou em companhias de engenharia como a Solel Boné (de 1962 a 1970) e a ORS International (de 1971 a 1990) e casou-se com Tzipora, com quem morou em Haifa até o final de sua vida, em julho de 2006.



Na foto, **Shabtai (ou Sabtaj) Nemet**, *betarí* que sobreviveu graças ao Dr. Leo Tschöll. Nascido em 1925, passou pelo Gueto de Košice (de onde fugiu com Robert Offner). Em julho de 1944, teve um artigo de um jornal de Budapeste publicado com uma foto sua, alegando que estava envolvido com a falsificação de documentos. Passou por vários bunkers e era o responsável pela obtenção de suprimentos para os outros judeus com ele abrigados. Em dezembro de 1944, escondeu-se na “Casa de Vidro”, onde o diplomata suíço (e Justo Entre as Nações) Carl Lutz abrigou vários judeus de Budapeste. Após a guerra, estudou farmacêutica na Universidade de Brno e fez *aliá* em 1949 junto a Robert Offner. Entrou no exército de Israel e manteve a patente de capitão. Casou-se com Frieda Azarovitz e continuou a trabalhar como farmacêutico, tornando-se até mesmo gerente nacional de farmácia.





Figura 1 (esquerda): Um modelo de *Schutzpass* (passaporte de defesa).  
 Figura 2 (acima): *Teudat Betar* de um *betari* da Hungria.



## Compilado de histórias: Justos Entre as Nações pelo mundo

### Anna Borkowska

Anna Borkowska nasceu em 1900, na Polônia. Após terminar seus estudos na Universidade de Cracóvia, passou a trabalhar em um convento de freiras dominicanas localizado nos arredores de Vilna, cidade na Lituânia. No convento, ela foi a superior das freiras e a responsável pela administração.

Desde o início do massacre de Ponary, em julho de 1941, Anna já analisava de que maneiras poderia ajudar os judeus. Primeiramente, ela tentou recorrer à liderança católica de Vilna, porém a instituição rejeitou seus esforços por temer que os nazistas destruíssem a igreja em reação. Vilna havia sido assumida pelos alemães em junho de 1941, através da Operação Barbarossa e, logo em seguida, foi criado o Gueto de Vilna, pelo qual estima-se que, em média, 55 mil judeus lituanos passaram.

Madre Anna, mesmo assim, não desistiu e começou a atuar em prol dos judeus por conta própria. Assim que percebeu que os nazistas estavam sistematicamente exterminando habitantes do gueto, Anna não hesitou em abrir as portas de seu convento e chegou a abrigar um grupo de dezessete resistentes. Dentre eles, haviam membros do Hashomer Hatzair, incluindo Abba Kovner. Apesar das enormes diferenças, formaram-se relações de proximidade entre as freiras e os judeus. Os resistentes utilizaram as paredes do convento como um verdadeiro porto seguro, ajudaram as freiras nos campos e conseguiram, de maneira mais branda, dar segmento na atividade de resistência

Em dezembro de 1941, os jovens ignoraram a recomendação da superiora e optaram por deixar o convento. Eles abriram mão do abrigo oferecido para retornar e consolidar o movimento de resistência dentro do gueto. Abba Kovner afirmou que as ideias para a rebelião do gueto foram formadas no convento. “Não vamos como ovelhas para o abate! É verdade que somos fracos e indefesos, mas a resistência é a única resposta ao inimigo!... Resistir! Até o último suspiro!”, escreveu. O manifesto que Kovner leu para seus amigos em 31 de dezembro de 1941 foi impresso no convento e distribuído no gueto.

Semanas depois dos resistentes deixarem o local, a superiora foi até o portão do gueto e, felizmente, foi capaz de estabelecer uma comunicação com Abba Kovner. Lá, tentou se juntar aos judeus, mas Kovner conseguiu fazê-la desistir da ideia. Ainda, Madre Anna ajudou a FPO (grupo de resistência dentro do gueto de Vilna, do qual, inclusive, *betarím* participaram) ao contrabandear uma quantidade considerável de armas e granadas para dentro do gueto. As outras freiras do convento, embora não tenham se colocado tanto na linha de frente, também foram essenciais para que o ato histórico de resistência em Vilna fosse possível.

Após a guerra, os membros do movimento fizeram *aliá*, tendo restabelecido contato com a superiora somente em 1984. Nesse então, ela já estava com 84 anos, e, no mesmo ano, o Yad Vashem concedeu o título de Justa entre as Nações a Anna Borkowska e a outras seis freiras do seu convento. Em sua homenagem, Abba Kovner plantou uma árvore no Jardim dos Justos, localizado no Monte da Lembrança - o *Har HaZikaron*, em Jerusalém.



Anna Borkowska (esquerda) com Abba Kovner (direita) durante o recebimento da medalha em Varsóvia.

## Manuel Antonio Muñoz Borrero

Manuel Antonio Muñoz Borrero nasceu em 1891, no Equador. Estudou em Bogotá, na Colômbia, e se formou como advogado aos 29 anos. Na mesma cidade, conseguiu emprego no serviço estrangeiro do Equador como terceiro secretário e, dois anos mais tarde, foi nomeado Cônsul-Geral do Equador em Estocolmo.

Em 1939, diante da escalada nazista na Europa, vários líderes do Congresso Judaico Mundial recorreram ao cônsul equatoriano em Estocolmo para a emissão de falsos passaportes. Manuel concordou e, ilegalmente, passou a enviar documentos para pessoas em toda a Europa ocupada. Os passaportes deram-lhes uma nova identidade e permitiram que muitas famílias fugissem para a Turquia.

Em 1941, o diplomata chegou a emitir oitenta passaportes de Istambul, os quais foram enviados a judeus poloneses. No entanto, ele foi descoberto pelas autoridades e ficou sob vigilância do serviço de segurança da Suécia. Com a revelação desses trâmites ilegais, foi destituído do seu cargo em 1942 e nunca mais voltou a atuar em funções diplomáticas. No entanto, o governo do Equador não chegou a enviar outro cônsul substituto para a Suécia e, por conta disso, ainda no país, mesmo sem autorização oficial ou permissão para utilizar os equipamentos do consulado, Borrero continuou seus esforços, pois os selos e documentos permaneceram sob sua posse.

Estima-se que ele tenha salvo, em média, mil judeus durante a *Shoá*. Seus atos passaram despercebidos por muitas décadas, porém sua história foi investigada com mais atenção quando uma sobrevivente revelou que foi salva graças a um passaporte emitido por ele. Em 2011, cinquenta anos depois, o Estado de Israel reconheceu sua bravura e lhe concedeu o título de Justo entre as Nações. Lennart Bjelke, seu filho, representou-o na cerimônia de homenagem realizada pelo Yad Vashem e recebeu a medalha e o certificado de honra em seu nome. Manuel Borrero foi o primeiro equatoriano a ser reconhecido como Justo entre as Nações.



Família de Manuel Borrero durante a cerimônia em sua homenagem.

## Gino Bartali

Gino Bartali nasceu em 1914, na Itália. Profissionalmente, dedicou-se ao mundo dos esportes, sendo tricampeão do *Giro d'Itália* e bicampeão do *Tour de France*, ambas competições de ciclismo. Porém, para muito além de seu sucesso aparente, a celebridade foi uma peça chave para burlar o controle dos alemães na Itália fascista.



No ano de 1943, a Itália foi invadida pela Alemanha nazista e teve um governo-fantoches comandado por Mussolini. Gino era um fenômeno no país e, não à toa, por meio de propagandas, o governo tentou usar sua popularidade para promover o regime totalitário. No entanto, Gino não foi favorável à dominação alemã e fez proveito de suas habilidades para resistir ao nazismo. Em 1943, Bartali foi convocado para fazer parte de um grupo que atuava clandestinamente na região. A rede de pessoas trabalhava com o intuito de ajudar judeus, e cada um dos membros tinha sua respectiva função nos trâmites ilegais.

Como mensageiro na rede clandestina, Gino transportava documentos, dinheiro, passaportes, entre outros suprimentos ilegais escondidos no banco da sua bicicleta e os entregava para outra pessoa que, assim como ele, fazia parte da organização. Com os novos documentos, ele permitiu que vários judeus saíssem da Itália e escapassem da deportação aos campos de concentração. Estima-se que, ao menos 45 vezes, Gino percorreu duzentos quilômetros em sua bicicleta, entre as cidades de Florença e Assis. O mensageiro utilizava estradas secundárias e caminhos alternativos para concluir sua missão. Por ter um rosto popular e famoso, Gino driblava autoridades e conseguia concluir seus objetivos com maior facilidade. No entanto, ainda assim, foi barrado uma série de vezes e teve que mentir para oficiais, alegando que estava apenas treinando.

A atividade do ciclista se manteve em segredo por muito tempo depois do fim da Segunda Guerra Mundial - nem mesmo a sua família sabia de seu ativismo e de seus atos de resistência. Apenas em 2010, dez anos após sua morte, o ciclista foi reconhecido por salvar a vida de vários judeus italianos. O descobrimento de Bartali para o mundo ocorreu quando dois jornalistas entrevistaram a família Goldberg e resgataram depoimentos essenciais para a comprovação de seu heroísmo. Alguns membros relataram que receberam abrigo e proteção durante dez meses no apartamento de Bartali, em Florença. Esse foi o pontapé inicial para que diversos judeus revelassem que suas famílias também foram salvas pelo italiano. Finalmente, em 2013, o Yad Vashem o reconheceu como um Justo entre as Nações.

## Raoul Wallenberg

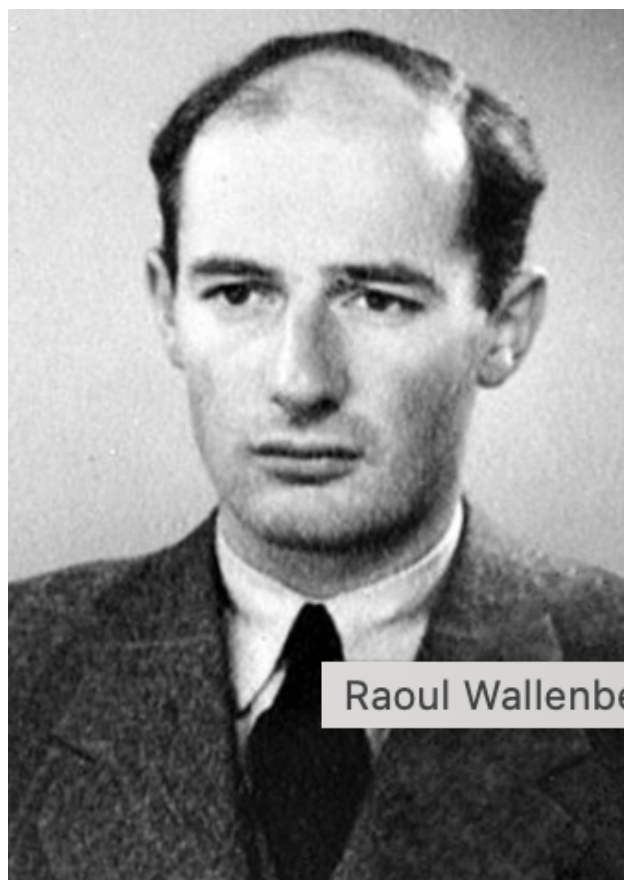
Raoul Wallenberg, nascido em agosto de 1912 na cidade de Lidíngö, construiu uma carreira admirável e alcançou o seu auge como diplomata sueco. Ele cresceu em uma família de alta classe, a qual garantiu que tivesse as melhores oportunidades e uma boa educação. Por meio de sua atuação, Wallenberg foi capaz de salvar milhares de judeus da Hungria sob ocupação nazista durante o final da Segunda Guerra Mundial.

Em março de 1944, a Alemanha invadiu a Hungria e intensificou a perseguição aos judeus, enviando-os aos guetos, confiscando seus bens e tornando obrigatório o uso da estrela amarela. No mesmo ano, Raoul se dirigiu para Budapeste e, imediatamente, instalou um escritório da embaixada sueca próximo ao maior gueto judeu da capital húngara. Cerca de quatrocentos indivíduos foram contratados para trabalhar na operação, sendo a maioria composta por judeus que receberam imunidade diplomática. Com o passar dos tempos, cerca de vinte mil passaportes de proteção foram emitidos por Wallenberg, os quais protegiam os portadores e os abrigavam em nome da coroa sueca.

Além disso, inúmeras casas foram alugadas pela região e serviram de esconderijo para milhares de judeus. O diplomata ordenou que todos esses locais tivessem bandeiras da Suécia hasteadas, a fim de que se tornassem anexos oficiais da embaixada, o que, por sua vez, dificultariam ainda mais a invasão dessas instalações pelos nazistas, devido à proteção que lhes era dada por seu *status* diplomático.

Em janeiro de 1945, durante o cerco de Budapeste pelo Exército Vermelho, Wallenberg foi levado pelas autoridades soviéticas e nunca mais foi visto. Os motivos ainda são inconsistentes e seu paradeiro segue sendo um mistério. Devido a suas corajosas ações em nome dos judeus húngaros, Raoul Wallenberg foi objeto de uma série de honrarias humanitárias nas décadas seguintes a sua desapareição. Em Israel, é considerado um dos Justos entre as Nações homenageados no Yad Vashem.

Uma curiosidade é que Raoul foi indicado pelo *Guinness Book Of World Records* como o indivíduo que salvou mais pessoas do extermínio. Estima-se que, aproximadamente, cem mil pessoas tenham sido salvas e protegidas por seus feitos históricos.



## Rudolf Weigel

Rudolf Weigel nasceu em setembro de 1883 no Império Austro-Húngaro. Ainda em seus primeiros anos de vida, sua família se mudou para Lviv, onde, em 1907, terminou sua graduação em Biologia. Por conta de suas descobertas na área da ciência e, principalmente, pelo desenvolvimento da vacina de tifo, foi indicado para o Prêmio Nobel de Medicina nove vezes durante sua vida.

Em 1914, período em que eclodiu a Primeira Guerra Mundial, o serviço médico do exército austro-húngaro recrutou o biólogo. No mesmo ano, Rudolf iniciou suas pesquisas e estudos sobre tifo - uma doença bacteriana cuja transmissão é facilitada por piolhos. Em períodos de guerra, devido às péssimas condições sanitárias, era muito comum que prisioneiros sofressem com doenças epidêmicas. Em 1919, ele se tornou membro oficial do conselho sanitário dentro do exército polonês e, finalmente, conseguiu desenvolver a primeira vacina eficaz para combater o tifo epidêmico.

No ano de 1939, a Polônia foi ocupada pela Alemanha. Apesar disso, Rudolf deu segmento a sua pesquisa em seu instituto. Nesse período, a quantidade de vacinas contra tifo produzidas aumentou significativamente. Weigel tentou desenvolver outras vacinas, porém elas não ofereceram imunidade total contra as respectivas doenças.

Durante a ocupação alemã, a capacidade científica de pesquisa e inovação do biólogo chamou a atenção dos nazistas. Dessa forma, ele foi instruído a montar uma fábrica de vacinas dentro de sua fundação. Rudolf possuía uma abordagem humanista e, claramente, não compactuava com a dominação nazista. Por isso, apesar de obedecer às instruções alemãs, fez o que estava ao seu alcance para resistir. Com a construção da fábrica, ele insistiu em empregar a maior quantidade de funcionários judeus que pudesse, dando abrigo e proteção para, em média, duas mil pessoas.

Conforme a situação na Europa piorava, o cientista, que protestava vigorosamente contra o antissemitismo, estudou as maneiras com que poderia ajudar os judeus. Dessa forma, Rudolf foi o responsável por organizar um esquema clandestino de envio de vacinas para dentro do Gueto de Varsóvia. Com o contrabando de vacinas e a conseqüente assistência médica, inúmeros habitantes do gueto foram salvos da doença. Em janeiro de 2003, o Yad Vashem reconheceu Rudolf Weigel como Justo entre as Nações.



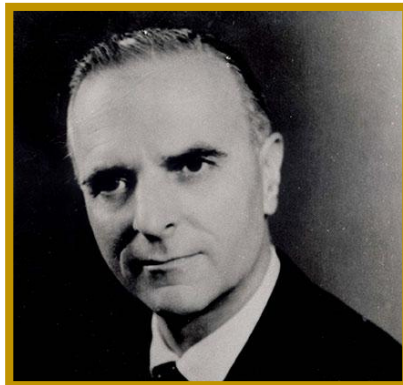
## Outras histórias



Clique na foto do Justo ou escaneie o QR Code para conhecer mais sobre suas histórias.



IRENA SENDLER



ANGEL SANZ-BRINZ



JOAQUIM CARREIRA



CHIUNE SUGIHARA



SAMUEL DEL CAMPO



OSKAR SCHINDLER



PRINCESA ALICE



## Ações conjuntas: países em destaque

Atualmente, são conhecidos mais de 27 mil justos entre as nações. No entanto, as histórias de instituições, grupos de resistência gentios e países que se opuseram à Alemanha de maneira ativa na tentativa de salvar judeus são, muitas vezes, desconhecidas. Nesse sentido, esse capítulo se dedica a honrar aqueles que, em grupos ou organizações políticas ou militares, arriscaram suas vidas para salvar judeus.

### Hungria

A Hungria teve uma história bastante diferente dos outros países da Europa durante *Shoá*. Isso é ainda mais impressionante se levarmos em conta que o país era aliado da Alemanha desde o começo da guerra. As leis antissemitas, aplicadas sem moderação na Europa nesse período, foram adotadas na Hungria desde 1938, durante o governo pró-nazismo de Miklos Horthy. Contudo, o país ainda não deportava os judeus para os campos de extermínio.

A sorte dos judeus húngaros, no entanto, estava prestes a mudar. Em 1944, Hitler descobre que Horthy o estava traindo e que havia buscado a Inglaterra para assinar um armistício, já prevendo a derrota na guerra. Diante disso, a Alemanha invadiu a Hungria, e Horthy cedeu às pressões alemãs, apertando o cerco contra os judeus.

Quando as forças germanas invadiram o país, em março de 1944, a situação da população judaica ficou insustentável, uma vez que o objetivo era aniquilar o maior número de judeus possível na menor escala de tempo. Cabe ressaltar aqui que a comunidade judaica húngara, uma das maiores na Europa naquele então, contava com cerca de 750 mil judeus segundo as estimativas dos alemães (feitas na Conferência de Wannsee, na qual foi arquitetada a Solução Final).

Entre maio e julho daquele ano, por volta de 440 mil judeus húngaros foram deportados para Auschwitz. Inclusive, foi nesse momento que os alemães aumentaram a linha de trem que levava a Birkenau. Agora, o judeu que chegasse ao campo já estaria ao lado da câmara de gás, não precisando mais passar pela seleção.

A primeira ação da Alemanha após a conquista da Hungria foi a criação de uma *Judenrat* em Budapeste - um dos poucos resquícios de vida judaica na Europa -, sob o comando da Gestapo. Depois, os comércios judaicos foram fechados. Em seguida, começaram as deportações para o campo de trabalhos forçados de Xistarca. Logo depois, os judeus da cidade foram confinados em edifícios abandonados pela cidade e marcados com a estrela de David. O próximo passo foi o começo das deportações para o Oriente - isto é, o envio de judeus diretamente para as câmaras de gás de Birkenau. Nesse primeiro momento, 17.500 judeus foram deportados.





No dia 7 de julho do mesmo ano, Horthy decide parar com as deportações, como resultado das pressões dos países ocidentais, o que concedeu uma curta janela de possibilidade para os judeus escaparem. Foi nesse instante que alguns diplomatas estrangeiros, já cientes das crueldades dos campos de extermínio e de concentração, começaram a se organizar pelo resgate dos judeus húngaros. Nesse contexto, surgem as figuras de Carl Lutz e Raoul Wallenberg, heróis que se sacrificaram para salvar esses judeus. Ambos constantemente pressionavam o governo local por conta do péssimo tratamento que davam aos judeus, além de ajudá-los com suprimentos diversos e assistência médica.

Carl Lutz era o representante da Suíça em Budapeste. Chegou ao cargo de vice-cônsul em 1942 e representava todas as potências ocidentais que haviam cortado laços com a Hungria no começo da guerra. Com as pressões constantes contra Horthy, o rei decide permitir que os judeus migrem para a Palestina, solucionando a questão judaica no país. Lutz age rápido e emite quatro certificados grupais de *aliá*, cada um para mil pessoas. Como representava também o Reino Unido, tinha o poder para emití-los. Logo, conseguiu que os certificados passassem a valer para as famílias daqueles que estavam na lista, totalizando cerca de cinquenta mil judeus sob proteção da embaixada suíça até que conseguissem embarcar para *Eretz Israel*.

Lutz, trabalhando em conjunto com Moshé Krausz, líder da Agência Judaica em Budapeste, começou a pôr em prática a Operação Casa de Vidro, a qual consistia em usar uma velha fábrica de vidro - por isso o nome -, localizada em Budapeste, para abrigar e resgatar os judeus da cidade, os quais também receberiam o chamado *Shutzpass*. No entanto, o acordo estabelecido inicialmente com Horthy era de que apenas 7800 judeus poderiam receber esse passe. Isso gerou um grande dilema na cabeça de Krausz: emitir esse número e garantir a vida desses judeus ou emitir mais, mas arriscar uma suspeita por parte dos alemães. No final, ao optar pela segunda opção, as estimativas de pessoas salvas por suas ações variam entre 40 e 100 mil.

A Casa de Vidro serviu não só como centro de resgate, mas também como lugar para que a resistência judaica húngara, composta pelas *tnuot noar*, pudesse se estabelecer e seguir com suas atividades, resumidas, à época, em forjar documentos e conseguir comida, dinheiro e medicamentos, a fim de salvar a maior quantidade possível de judeus.

O edifício era controlado pela própria liderança juvenil sionista, encarregada de conseguir todos os suprimentos necessários para a sobrevivência dessas pessoas. Durante o período, não há relatos de fome severa ou de desnutrição. As pessoas dormiam em vários lugares espalhados pela casa, normalmente no chão ou em mesas longas. Uma curiosidade é que, mesmo nessa situação tão difícil, essas pessoas encontraram uma forma de celebrar *Chanuká* - a festa da luzes. Nas palavras de Mihály Salomon, "havia algumas cascas de nozes empilhadas em um pedaço de madeira em uma cadeira no canto, um pouco de óleo e pavios de vela neles. Acendi as velas de *Chanuká* uma a uma. Jamais esquecerei o sentimento festivo que tivemos e muito menos a ceia que minha esposa preparou para mim nessa ocasião. Ela tirou uma massa de batata frita de uma panela debaixo da mesa, a qual ela havia preparado, não sei como nem de quê. Desde então, não tivemos mais batata em Vadász durante meses. Havia um pouco de gordura na massa, já estava muito fria, não se podia dizer que estavam frescas. Mas, ainda assim, posso não ter comido desde então uma massa de batata frita tão deliciosa".



## A CASA DE VIDRO

ESCANEIE OU CLIQUE EM CIMA DO QR CODE PARA CONHECER A CASA DE VIDRO POR DENTRO!

Essa operação abriu os olhos de outros diplomatas no país, a exemplo de Raoul Wallenberg, secretário na embaixada sueca em Budapeste. Wallenberg chegou à capital húngara já em julho de 1944 como enviado do *American War Refugee Board*. Quando entra em seu posto de trabalho, já detinha em mãos uma lista com 650 nomes de judeus que possuíam algum vínculo com a Suécia para que recebessem o visto protetivo. No entanto, com a catástrofe iminente anunciada, Wallenberg começou a emitir mais vistos e a comprar casas, nas quais erguia a bandeira sueca e, assim, conseguia abrigar judeus. Isso porque o hasteamento da bandeira sueca representava área extra-territorial e, portanto, impedia que os judeus que ali estivessem fossem capturados. Cerca de 4500 judeus receberam essa proteção, chamada de *SchutzPass* - passaporte de defesa - que também lhes concedia o direito a viajar para a Suécia ou para qualquer país em que a Suécia tivesse alguma embaixada.

Em outubro de 1944, o governo alemão perdeu a paciência com Horthy, depondo-o. Em seu lugar, assume o poder o partido nazista húngaro, Partido da Cruz Flechada, liderado por Ferenc Szálasi. Rapidamente, o grupo começou a instituir práticas muito mais agressivas, como o assassinato de seiscentos judeus em Budapeste. Em 8 de Novembro do mesmo ano, as deportações voltaram a todo vapor. Cinco dias depois, um gueto foi estabelecido na cidade, no qual cerca de setenta mil judeus deveriam ser concentrados. Os diplomatas estrangeiros teriam uma missão muito mais difícil à medida que as deportações aumentassem. Entre 8 de novembro de 24 de dezembro de 1944, conforme ordens de Adolf Eichmann, o "arquiteto da Solução Final", oitenta mil judeus húngaros foram enviados em marchas da morte até a fronteira com a Áustria.

Wallenberg e outros diplomatas de países considerados neutros seguiram algumas dessas marchas, distribuindo comida, suprimentos, roupas e medicamentos aos judeus que andavam, lentamente, em direção à morte. Além disso, conseguiu salvar judeus que já estavam marchando, ao distribuir os *shutz-passes* e declarar que várias dessas pessoas estavam sob sua proteção. Mesmo ameaçado com armas pelos guardas do partido da Cruz Flechada, Wallenberg continuou sua luta. Quando os soviéticos conquistaram a cidade, no começo de 1945, impediram a aniquilação do Gueto de Budapeste. Ao final da guerra, cerca de 120 mil judeus da cidade conseguiram sobreviver.

Concomitantemente, com a subida do partido da Cruz Flechada ao poder, os movimentos juvenis sionistas, refugiados nas oficinas de Carl Lutz, conseguiram emitir cerca de cem mil documentos. Dentre esses jovens, membros do Betar tiveram grande importância, como descrito no texto "O Justo entre os Betarim". Ainda, durante a construção do gueto de Budapeste, no final de 1944, Lutz comprou casas abandonadas para alojar cerca de três mil judeus que detinham os passaportes de proteção. Destes, apenas seis foram mortos durante a *Shoá*. Quando os soviéticos invadiram Budapeste, Lutz e sua mulher fugiram e, depois da guerra, voltaram a viver na Suíça. Contudo, sua importância e seu sacrifício nunca serão esquecidos. Lutz foi eternizado no Jardim dos Justos, ao receber do Yad Vashem o título de Justo entre as Nações, em 1965.



**Clique [aqui](#) e acesse a lista de nomes salvos por Carl Lutz e seus colaboradores na Casa de Vidro.**

## Dinamarca

É, de fato, verdade que a maioria das pessoas durante o período da *Shoá* não foram ativamente pró-nazismo nem, muito menos, tiveram atuação direta na tragédia judaica. No entanto, a quantidade de pessoas que se mobilizou contra a Alemanha é ainda menor. Afinal, conforme registrou o poeta Martin Niemöller em seu consagrado poema "E não sobrou ninguém", enquanto o ser humano não se sente diretamente ameaçado, a inércia o mantém apenas vigilante e muito pouco atuante, ainda mais em um cenário em que agir poderia significar cavar a sua própria cova.

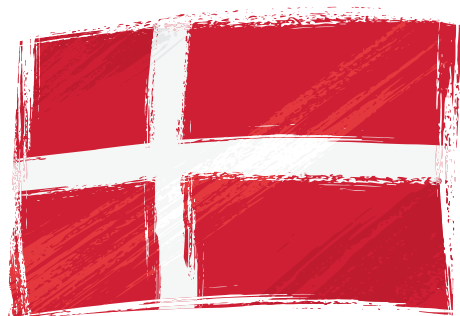
O caso da resistência dinamarquesa, nesse cenário, se torna ainda mais extraordinário. Em um país ocupado pela Alemanha desde abril de 1940, ainda na primeira fase da Segunda Guerra Mundial, dos 7800 judeus que viviam no país, 7200 foram salvos, graças aos esforços ativos desses bravos heróis que resolveram resistir diante de um dos mais cruéis crimes da história.

O resgate dos judeus dinamarqueses foi realizado em outubro de 1943. Até aquele ano, a Alemanha, que buscava uma cooperação com a população dinamarquesa, ainda não havia promulgado nenhuma lei "anti-judaica". Isso porque estavam cientes da importância que muitos desses judeus tinham na comunidade local e queriam evitar uma oposição tão ampla, em um cenário no qual não havia margem para erros.

Ainda assim, a vida dos judeus dinamarqueses sofreu o primeiro baque em setembro de 1943. A resistência dinamarquesa, insatisfeita com o domínio alemão e as barbáries da *Shoá*, começou a intensificar suas ações, principalmente quanto às sabotagens. No mesmo mês, as autoridades alemãs tentaram pressionar a Dinamarca a encerrar as atividades do grupo, o que foi prontamente recusado. Diante disso, os alemães resolveram "se livrar de vez" dos judeus do país, porém, no dia 28, o diplomata alemão Georg Ferdinand Duckwitz, de maneira secreta, avisou a resistência dinamarquesa que os alemães planejavam deportar os judeus do país para os campos de extermínio.

A resposta foi dada no mesmo dia: a resistência dinamarquesa organizou uma força nacional que contava com a cooperação de variados setores da sociedade para levar os judeus para a costa sueca, localizada a 32 quilômetros de Copenhague, onde a maioria dos judeus vivia. Com o anúncio alemão de que as deportações começariam na noite de *Rosh Hashaná* - dado que a maioria dos judeus estaria em casa por conta do *chag* -, vários judeus aderiram à fuga.

De aproximadamente 7800 judeus dinamarqueses, 7200 foram salvos, junto com setecentos parentes não judeus. No entanto, um pouco mais de quinhentas pessoas foram capturadas e deportadas para Theresienstadt. Mesmo assim, apenas 51 destas foram assassinados, já que, mesmo de longe, o governo dinamarquês pressionava as autoridades alemãs para saber sobre seus cidadãos.



Por certo, os alemães não empreenderam muitos esforços para impedir a fuga em massa desses judeus, como fizeram na Holanda ou na Polônia, onde as comunidades judaicas eram bem maiores. Ademais, a Dinamarca dispunha de vantagens com relação a esses países, como, por exemplo, a possibilidade de um autogoverno, o qual optou por não emitir medidas antissemitas. No entanto, o feito histórico e heroico que a sociedade dinamarquesa, no geral, conseguiu realizar não deve ser diminuído. Em um cenário onde poucos se opuseram, ter uma sociedade que se uniu em torno dessa causa é um tremendo diferencial.

Para homenagear tamanho feito, o Yad Vashem plantou uma árvore em nome da resistência dinamarquesa. No entanto, não receberam o título de Justos Entre as Nações porque esse título só pode ser dado a indivíduos e, ainda, por causa de um pedido próprio do grupo, o qual não buscava o menor reconhecimento.



Homenagem à resistência dinamarquesa no Jardim dos Justos, no Yad Vashem, em Jerusalém.

Pescadores dinamarqueses transportam judeus para a Suécia, 1943.

## Albânia:

A Albânia é um pequeno país de maioria muçulmana localizado no Leste Europeu, na região dos Bálcãs. Em 1933, sua população era de 803 mil habitantes, dos quais apenas duzentos eram judeus. No entanto, com a subida de Hitler ao poder e a escalada antissemita na Europa, durante o período do Terceiro Reich, entre 600 e 1800 judeus, buscando não só refúgio, mas também um lugar seguro de onde poderiam partir para Israel, chegaram ao país.

Foi nesse cenário que a comunidade muçulmana da Albânia abraçou a causa judaica. Quando os refugiados chegaram ao país, foram bem recebidos e, logo, se tornaram parte integrante da sociedade. Em 1943, Hitler e as forças alemãs invadem a Albânia e conquistaram o país. Em seguida, pediram para que a população entregasse uma lista dos judeus residentes no país, para que eles pudessem ser deportados para os campos de extermínio, conforme seu primordial objetivo: aniquilar, sob todas as esferas, o povo judeu e suas contribuições para o mundo.

A população albanesa, em um ato de heroísmo, colocou-se em risco de vida, negando a ordem alemã e, assim, protegendo seus residentes judeus. Além disso, o próprio governo albanês emitiu identidades e passaportes falsos para que os judeus pudessem se misturar à população e sobreviver.

Todo esse ato foi feito de acordo com o Código de Honra que reinava como absoluto na Albânia: o Besa. Esse código se baseia na premissa de "manter suas promessas". Uma pessoa que segue o Besa é aquela a quem se pode confiar a sua vida ou a vida de seus familiares, porque ela vai fazer tudo que for possível para manter a promessa de mantê-los vivos. Inclusive, os próprios albaneses competiam entre si para cuidar dessas pessoas e lhes garantir uma vida segura. Por tudo isso, a Albânia foi um dos únicos - se não o único - país da Europa que conseguiu terminar o período da *Shoá* com mais judeus do que iniciara. Cerca de dois mil judeus foram salvos pela Albânia.

Em uma entrevista, Rexhep Hoxha, filho de um albanês que salvou uma família de judeus, diz que o segredo do refúgio, na verdade, era totalmente aberto: "Não só a polícia sabia, mas também todos os vizinhos sabiam. Existia um círculo de silêncio. É algo conectado a nossa cultura. Você não trai seu convidado e, certamente, não trai o seu vizinho". Ainda, após a guerra, Hoxha conseguiu devolver para essa família três livros judaicos que ele havia guardado para salvá-los.

Mesmo com toda essa emocionante história, atualmente, apenas 75 albaneses possuem o título de Justos entre as Nações. No entanto, muitos desses benfeitores não foram identificados pois não fizeram questão de revelar sua identidade. O ato de heroísmo era simplesmente baseado em sua cultura, em sua visão de mundo. Por isso, estima-se que a chance de um judeu sobreviver na Albânia nessa época era mais de dez vezes maior do que em qualquer país europeu.



## Holanda:

“Resistência”, durante a Shoá, mudava de significado de acordo com cada local, momento e circunstâncias imediatas. Às vezes, resistência poderia ser pegar em armas e organizar uma revolta e, em outras, poderia ser imprimir panfletos e espalhá-los pelas ruas. Independentemente do significado, todas as demonstrações de força contra o que estava acontecendo no mundo foram de extrema importância, como a que aconteceu na Holanda, em Amsterdã.

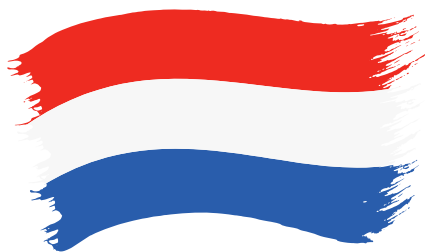
Em 14 de maio de 1940, o exército holandês se rende e a Holanda passa a estar sob total controle do exército alemão. A partir desse momento, os 140 mil judeus no país (incluindo 25 mil de origem alemã que foram para lá em busca de refúgio, como Anne Frank, por exemplo), passaram a viver sob as esperadas medidas antissemitas que, aos poucos, foram tomando forma no país. As empresas e negócios judaicos começam a ser fechados, e os judeus, gradativamente, a serem removidos dos serviços civis e cada vez mais segregados da sociedade.

Apesar disso, incidentes ocorridos em fevereiro de 1941 mostraram que a população judaica da Holanda não hesitaria em se proteger. Após ataques abertos às comunidades judaicas do país, um grupo de jovens judeus se rebelou e acabou matando um nacionalista-socialista holandês. Esse ato despertou a ira dos soldados ocupantes que, dias depois (em 19 de fevereiro 1941), saíram às ruas em busca de judeus, capturaram-nos de forma extremamente violenta e apreenderam, assim, 425 homens, os quais posteriormente foram deportados para Buchenwald (onde apenas alguns sobreviveram).

Esses eventos não serviram apenas para chocar a população geral quanto à brutalidade usada contra os cidadãos judeus do país, mas também para “motivá-los” a fazer algo a respeito. E funcionou: na mesma noite, foi realizada uma reunião da oposição para que medidas fossem tomadas. Liderada por Piet Nak e Willem Kraan, iniciou-se uma greve geral, a qual objetivava “parar Amsterdã por um dia”. Na manhã seguinte, já se viam panfletos pelas ruas da Holanda em que estava escrito: “Greve! Greve! Greve! Vamos desligar Amsterdã por um dia!”. A parada total estava organizada para acontecer no dia 25 de fevereiro, e assim foi feito.

No mesmo dia pela manhã, motoristas de bonde e equipes sanitárias começaram a paralisação. Logo, estivadores e trabalhadores de bicicletas saíram pelas ruas, tocando as campainhas das casas, parando todo o trânsito e implorando para que mais pessoas aderissem à greve. Ao final, 300 mil cidadãos não-judeus estavam fazendo parte do movimento. Fábricas paradas, escritórios vazios, restaurantes fechados. Eles conseguiram - Amsterdã estava parada.

Além de cumprir com o prometido de paralisar a cidade, os trabalhadores conseguiram incomodar muito os nazistas, que reagiram à manifestação com *rifles* e granadas, prendendo e executando dezoito protestantes. Naquela época, a punição para aquele que fosse pego ajudando judeus na Holanda era bastante severa, comumente culminando no envio a campos de concentração ou em execução imediata. Mesmo sabendo disso, os grevistas não deixaram sua causa de lado e conseguiram que o protesto durasse mais dois dias.



A greve, contudo, não impediu os alemães de seguirem com o extermínio e, em julho de 1942, de iniciarem as deportações em massa de todos os judeus do país. Em setembro de 1943, Amsterdã já era considerada pelos alemães como “judenfrei” - livre de judeus. Infelizmente, o objetivo da greve - que era parar com a brutalidade e com as deportações dos judeus do país - não foi concluído. Porém, essa enorme mobilização mostrou o que o ativismo conjunto é capaz de fazer, mesmo na presença de um inimigo sem piedade ou escrúpulos. A Holanda se tornou o primeiro e único país ocupado em que seus habitantes (não judeus) organizaram um protesto contra a perseguição da Shoá.

Hoje, existe uma árvore no jardim do Yad Vashem dedicada aos trabalhadores holandeses que resistiram durante dois longos e difíceis dias contra o governo alemão, muitos deles com a própria vida. Além disso, todos os anos, no aniversário da Greve de Fevereiro (como a greve foi batizada posteriormente), em Amsterdã, ao lado de um monumento feito em homenagem a esses operários, é realizada uma cerimônia em lembrança da resistência de trezentas mil pessoas que decidiram ajudar nosso povo e tomar uma atitude enquanto tantos outros permaneciam calados.

UN GEZINKEN OP !!!!

BESBEFT DE ENORME KRACHT VAN  
UN BENSCHWINDE DAAD !!!!!

Deze is vele malen groter dan de Duitse militaire bezetting!  
Gij zult in Uw verzet ongetwijfeld een groot deel van de Duitse  
arbeiders-soldaten met U !!!!

**STAAKT!!! STAAKT!!! STAAKT!!!**

Legt het gehele Amsterdamse bedrijfsleven één dag plat, de werven  
de fabrieken, de ateliers, de kantoren en banken, gemeente-bedrijven  
en werkverschaffingen !!

Dan zal de Duitse bezetting moeten inbinden! Dan hebt gij een  
slag toegebracht aan het moeterscutige plan, bangert aan de macht te  
helpen, van verhindert ge een verdere leegplundering van ons land !!  
Dan krijgt ge de kans Woudenberg uit het H.V.V. te jagen !!!  
Blijf ook overal, UN HISEN VOOR VERHOOGING VAN LOON EN STEUN !!

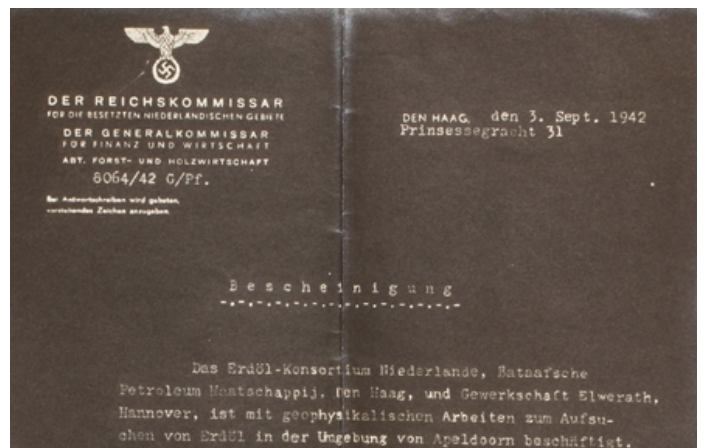
**WEEST BENSCHWINDI!! WEEST HOEDIG!!!**

**STRIJDT FIER VOOR DE VRIJMAKING VAN ONS LAND !!!!**

Folheto de 'greve' pedindo aos trabalhadores holandeses para interromper o trabalho, 25 de fevereiro de 1941.



A "Greve de Fevereiro", em Amsterdã, em 1941.



A partir de 1941, todas as carteiras de identidade judaicas foram claramente carimbadas com a letra “J”. Membros dos grupos clandestinos tentavam meticulosamente remover o “J” sem deixar nenhum resquício, o que era um trabalho difícil e perigoso. Com o tempo, um novo método foi introduzido: a falsificação de identidade e outros papéis, como cartões de racionamento.

Isso também exigia grande habilidade, além de ferramentas especiais e um tipo específico de papel (como o da imagem à direita, usado por um membro da resistência holandesa para falsificar carteiras de identidade).

## Inglaterra:

Na noite de 9 de novembro de 1938, os alemães, pela primeira vez, realizaram uma manifestação pública, violenta e direta contra os judeus - o pogrom da *Kristallnacht*. Com a subida de Hitler ao poder em 1933 e a conseqüente escalada do antissemitismo, o povo judeu já se atentava aos perigos das Leis de Nuremberg e à gradativa restrição de seus direitos. No entanto, foi somente a partir do pogrom em questão que a população judaica como um todo entendeu a irreversibilidade do cenário. Na Noite dos Cristais, os alemães tiraram os judeus de suas casas, queimaram suas propriedades, suas lojas e seus livros, destruíram sinagogas e os humilharam, tudo isso enquanto os forçavam a ver tudo, fazendo-os se sentir completamente impotentes e passivos.

O pogrom também sensibilizou, em parte, a comunidade inglesa e, principalmente, as organizações para refugiados - em especial a *British Committee for the Jews of Germany*, que pressionou as autoridades a permitir que alguns judeus menores de dezessete anos pudessem fugir para a Inglaterra, vindos de dois países anexados pela Alemanha: Áustria e Tchecoslováquia. Essas crianças deveriam ter um lugar para ficar e realizar um pagamento de cinquenta libras esterlinas, suficientes para comprar uma passagem de volta para seus países em caso de necessidade ou de uma mudança na política inglesa. Algumas instituições se dispuseram a financiar as viagens e encontrar moradias, em especial a *Movement for the Care of Children from Germany*.

O critério de aceitar apenas menores foi escolhido porque acreditava-se que haveria uma menor chance de rejeição da iniciativa, uma vez que essa camada da população não representaria uma "ameaça" tão grande como concorrentes no mercado de trabalho, por exemplo. Foi, de certa forma, uma maneira de conciliar o crescente antissemitismo na Inglaterra com uma oportunidade encontrada por uma minoria de oferecer ajuda humanitária aos judeus em perigo, mesmo que limitada.

As viagens eram longas e árduas. As crianças não podiam ser acompanhadas pelos pais nem por guardiões. No começo da operação, inclusive, a regra se limitava a uma criança por família, fazendo com que os pais tivessem que tomar a agonizante decisão de escolher qual filho seu sobreviveria. A primeira dessas viagens levou duzentas crianças judias de um orfanato em Berlim, que fora destruído no pogrom da *Kristallnacht*. Elas chegaram em Harwich, na Inglaterra, no dia 2 de Dezembro de 1938.

A maioria dos *Kindertransports* - nome dado aos transportes dessas crianças - saía dos grandes centros da Europa Central, principalmente de Berlim, Viena e Praga. Esses deslocamentos eram organizados por entidades judaicas que, em sua maioria, priorizavam o resgate de crianças cujos pais já haviam sido deportados ou mortos e que não possuíam alguém que cuidasse delas. As viagens atravessavam toda a Europa continental em direção ao oeste, até chegar aos portos da Holanda ou da Bélgica, que, nessa época, ainda não haviam sido ocupadas pela Alemanha. De lá, embarcavam em grandes navios, os quais levavam essas crianças para a costa inglesa. O último *Kindertransport* a sair da Alemanha teve sua viagem no dia 1 de setembro de 1939, data de início da Segunda Guerra Mundial. Da Holanda, o último trem partiu em 14 de maio de 1940, quando a Alemanha conquista o país.

Depois de chegarem a Harwich, as crianças que tinham uma família para abrigá-las no país iam para Londres e conheciam suas famílias adotivas. As que não tinham tanta sorte eram encaminhadas para acampamentos ou para algum lugar onde tinham os cuidados garantidos até encontrarem alguém que se responsabilizasse por elas. Dentro da Inglaterra, várias organizações - judaicas e não judaicas - buscavam encontrar lares adotivos para essas crianças. Cerca de metade delas passaram a viver com famílias adotivas, enquanto a outra metade vivia em hotéis, escolas ou outras instalações.



No total, a operação, que contou com uma cooperação sem precedentes de vários setores da sociedade inglesa e da comunidade judaica na Europa ocupada, salvou cerca de dez mil crianças entre zero e dezessete anos, das quais, aproximadamente oito mil eram judias. Uma das crianças salvas pelos *Kindertransports*, John Fieldsend, recebeu, após a guerra, um álbum de fotos de sua família, junto com uma emocionante carta de seus pais, na qual estava escrito:

*Caros meninos,*

Da mãe:

*Quando vocês receberem esta carta, a guerra estará terminada, porque nosso amigável mensageiro não poderá enviá-la antes. Queremos dizer adeus a vocês, que são nossos bens mais preciosos, e por tão pouco tempo pudemos tê-los.*

*Há meses que o destino não nos deixa. Em janeiro de 1942, os Weilers foram capturados; ainda não sabemos para onde, nem se eles ainda estão vivos. Em junho, a avó Betty. Em setembro, a tia Marion, o tio Willy e o Pauli. Em outubro, seus avós Steiner. Em novembro, sua bisavó de 90 anos e os Bermans. Em dezembro, será a nossa vez.*

*Chegou, então, a hora de nos voltarmos a vocês novamente e pedir que se tornem bons homens e que pensem nos anos em que fomos felizes juntos. Estamos indo para o desconhecido; nem uma palavra é ouvida daqueles já foram levados.*

*Agradeça àqueles que os impediram de um destino semelhante. Vocês levaram um pedaço dos corações de seus pobres pais com vocês quando decidimos entregá-los. Dê nossos agradecimentos e gratidão a todos que são bons para vocês.*

Do pai:

*Sua querida mãe lhes contou sobre o destino difícil de todos os nossos entes queridos. Nós também não seremos poupados e iremos corajosamente para o desconhecido, com a esperança de que ainda nos veremos novamente quando D's quiser. Não se esqueçam de nós e seja bons.*

*Eu, aqui, agradeço também a todas as pessoas boas que os aceitaram tão nobremente.*

*Assinado,*

Curt & Trude Feige, 1943



Crianças judias refugiadas, parte de um transporte infantil (*Kindertransport*) da Alemanha, logo após chegar a Harwich, Inglaterra, 2 de dezembro de 1938.



John Fieldsend, aos 87 anos.



John, seu pai e seu irmão no dia em que embarcaram no *Kindertransport*. Essa foi a última vez em que viram o pai.

No entanto, John Fieldsend não poderia ter sido salvo se não fosse pelo herói Nicholas Winton. Filho de judeus alemães que haviam imigrado para a Inglaterra, nasceu em 1909, em Hampstead. Sua família se converteu ao cristianismo na tentativa de se integrar à sociedade, inclusive batizando Nicholas. Foi contratado em 1931 para trabalhar no *Banque Nationale de Crédit* na França e, em 1938, voltou para a Inglaterra para ser corretor na bolsa de valores de Londres. No mesmo ano, foi convidado por seu amigo a ir para a Tchecoslováquia a fim de ajudar a organizar trabalhos humanitários direcionados aos judeus da região, a qual, na época, já fazia parte do Terceiro Reich.

A situação dos judeus no país chocou Winton. A partir de então, passou a se dedicar ao resgate dessas crianças judias. Estabeleceu um escritório em Praga e, ciente do projeto dos *Kindertransports*, se encarregou de conseguir vistos, famílias adotivas na Inglaterra e fundos para que pudessem ser resgatadas. Entre março e agosto de 1939, conseguiu enviar oito trens, totalizando 669 crianças salvas. O nono trem, que sairia em setembro do mesmo ano, foi bloqueado e nunca mais se teve notícias das crianças. Apesar disso, nunca quis que seu feito fosse público - afinal, o fazia por seus valores, e não pela honra. Sua história foi descoberta quando sua mulher encontrou no sótão de sua casa antiga uma lista de nomes de crianças que foram salvas por ele. Estima-se, hoje, que aproximadamente cinco mil crianças sobreviveram à *Shoá* graças a Winton, nome concedido a vários dos descendentes das mesmas. Em 1998, a BBC promoveu um emocionante encontro entre ele e as pessoas que salvou, conforme se pode ver no vídeo abaixo



## SIR NICHOLHAS WINTON

ESCANEEIE OU CLIQUE EM CIMA DO QR CODE PARA SABER OUVIR MAIS SOBRE ESSA HISTÓRIA.

## **Fontes e sugestões bibliográficas:**

- [The Righteous Among the Nations Database | Yad Vashem](#)
- [Righteous Among the Nations | Wikipedia](#)
- [Righteous Among the Nations | Holocaust Encyclopedia](#)
- [The Origins of the Precept "Whoever Saves a Life Saves the World" | Mosaic Magazine](#)
- [Série "Passaporte para a liberdade", Emissora TV Globo, 2021](#)
- [Leo Tschöll | Yad Vashem](#)
- [Raoul Wallenberg | Yad Vashem](#)
- [Leo Tschöll | Wikipedia \(Germany\)](#)
- [Betar Hungria Files | Machon Jabotinsky in Israel](#)
- [Brother for Resistance and Rescue The Underground Zionist Youth Movement in Hungary during World War II, 2009 Edition | The Society for the Research of the History of the Zionist Youth Movement in Hungary](#)
- [The Organization of Partisans Underground Fighters and Ghetto Rebels in Israel Database](#)
- [An Israeli moshav fills in the blanks on a WWII rescue | The Times of Israel](#)
- [The Carl Lutz Glass House Memorial Room Official Website](#)
- [Glass House \(Budapest\) | Wikipedia](#)
- [Moshe, Carl and the Glass House - Jewish History, Culture and Events YouTube Channel](#)
- [Why 90 Percent of Danish Jews Survived the Holocaust - History](#)
- [The Wallenberg Legacy Virtual Database, University of Michigan, USA](#)
- [Vídeo When Light Pierced The Darkness: A Danish Rescue Story | Museum of Jewish Heritage, A Living Memorial to the Holocaust, New York, USA](#)
- [Rescue in Denmark | United States Holocaust Memorial Museum, Washington, USA](#)
- [Rescue and Righteous Among the Nations in Holland | Yad Vashem](#)
- [Three day Dutch Strike Against Nazis | Times of Israel Official Website](#)
- [Amsterdam General Strike, February 1941 | The National WWII Museum Database, New Orleans, USA](#)
- [Video Journeys to Safety: Memories of the Kindertransport - UCU - University and College Union, UK](#)

COLEÇÃO SHOÁ NO BETAR  
VOLUME 3

**Justos Entre as Nações**



BETAR BRASIL  
בית"ר ברזיל